

INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS MACEIÓ
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS

FABRICIO DE LIMA GOES

A REPRESENTAÇÃO DA MULHER EM TEXTOS CORDELISTAS: ALGUMAS
REFLEXÕES LINGUÍSTICO-SEMÂNTICAS

MACEIÓ
2023

FABRICIO DE LIMA GOES

A REPRESENTAÇÃO DA MULHER EM TEXTOS CORDELISTAS: ALGUMAS
REFLEXÕES LINGUÍSTICO-SEMÂNTICAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras Português do Instituto Federal de Alagoas, *Campus Maceió*, como requisito parcial para obtenção de grau de Licenciado em Letras - Português.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Eronilma Barbosa da Silva.

MACEIÓ
2023



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Instituto Federal de Alagoas
Campus Maceió
Biblioteca Benevides Monte

418.007

G598r

Goes, Fabrício de Lima.

A representação da mulher em textos cordelistas : algumas reflexões linguístico-semânticas / Fabrício de Lima Goes. - Maceió, 2023.
37 f. : il.

Orientação: Profª. Drª Eronilma Barbosa da Silva.
Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras/Português) - Instituto Federal de Alagoas, Campus Maceió. Maceió, 2023.

Arquivo no formato digital em PDF do trabalho acadêmico.

1. Literatura cordelista. 2. Mulher - Discurso. 3. Semântica. I. Título.

Bibliotecária Nalva Maria Amaral

CRB-4/989



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS- IFAL
CAMPUS MACEIÓ**

ANEXO À PORTARIA Nº 1483/GR, DE 19 DE SETEMBRO DE 2012.

ATA DE DEFESA DO TCC

Ao(s) vinte e dois dia(s) do mês de setembro do ano de dois mil e vinte e três, às dezoito horas e trinta minutos, foi realizada na sala virtual meet.google.com/igf-wnhj-mot, a solenidade de defesa de TCC de **FABRICIO DE LIMA GOES**, matrícula **2018001478**, com o tema **A REPRESENTAÇÃO DA MULHER EM TEXTOS CORDELISTAS: ALGUMAS REFLEXÕES LINGUÍSTICO-SEMÂNTICAS**, como pré-requisito para a conclusão do Curso Superior em LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS.

PARECER FINAL
Trabalho de Conclusão de Curso APROVADO. Conceito/Nota: 9,5

ALUNO
FABRICIO DE LIMA GOES

ASSINATURA DA BANCA EXAMINADORA	
PROFA. DRA. ERONILMA BARBOSA DA SILVA Orientador/Presidente da Banca	Documento assinado digitalmente ERONILMA BARBOSA DA SILVA Data: 26/09/2023 19:15:53-0300 Verifique em https://validar.iti.gov.br
PROFA. DRA. CHRISTIANE BATINGA AGRA - IFAL Avaliador 1	Documento assinado digitalmente CHRISTIANE BATINGA AGRA Data: 26/09/2023 16:33:57-0300 Verifique em https://validar.iti.gov.br
PROF. DR. CRISTIANO LESSA DE OLIVEIRA - IFAL Avaliador 2	Documento assinado digitalmente CRISTIANO LESSA DE OLIVEIRA Data: 25/09/2023 21:25:45-0300 Verifique em https://validar.iti.gov.br

AGRADECIMENTOS

A Deus pela oportunidade da vida.

Às mulheres que contribuíram para minha formação enquanto sujeito, minha avó Dona Biu (em memória), minha irmã Lidiane, minha tia Didi, minha avó Ofélia (em memória) e especialmente a minha mãe Leni, meu melhor exemplo de força e resistência.

A minha orientadora Professora Eronilma, pelos ensinamentos desde a disciplina de semântica, além do incentivo, apoio e confiança.

Aos professores: Christiane Batinga Agra e Cristiano Lessa de Oliveira, pelos direcionamentos e ensinamentos proporcionados. Sobretudo relativo às orientações com o meu trabalho.

Aos colegas de graduação pelo companheirismo e convivência, de modo especial: Josefina, Robson, Sandra e Erika.

Aos professores do curso de Letras do Instituto Federal de Alagoas, *Campus Maceió*. A eles todo o meu respeito e admiração.

Aos amigos e companheiros: Bruno, Cris, Elaine, Jeylla, Jomson, Manu, Mel, Rodrigo e Thaysa.

A minha esposa Jeylla Salomé e a minha filha Lara Maria: minha perseverança eu devo a vocês.

RESUMO

Este trabalho discute sobre um tema muito sensível e bastante necessário, mas que ainda é, apesar de tantos direitos adquiridos, silenciados e negligenciados, em diversos contextos sociais, além de ser considerado por muitos um tabu: o retrato feminino perante a imposição patriarcal. O objetivo desta pesquisa é verificar o discurso, do ponto de vista da semântica cultural, apresentado em três textos cordelistas produzidos nas décadas de 40, 70 e 80 que figuram uma imagem negativa à mulher. Faz-se necessário compreender a relação entre a literatura cordelista, cultura e ideologia; identificar a relação entre literatura cordelista e a exclusão social feminina e; refletir sobre os discursos preconceituosos na literatura de cordel. Neste sentido, este estudo caracteriza-se como qualitativo, bibliográfico, descritivo, bem como histórico. Como aporte teórico nos embasamos em Ferrarezi Jr. (2008; 2013; 2019), Fiorin (2000; 2010), Rodrigues e Silva (2018), Volóchinov (2018), Pêcheux (1997) dentre outros. Os resultados alcançados demonstraram que os textos cordelistas apresentam fortes evidências que colocam os autores em uma situação de desfavor a qualquer progressão aos direitos femininos com a presença de marcas ideológicas que perpassam para o plano religioso fruto de uma possível cultura local.

Palavras-chave: Literatura cordelista. Semântica. Discurso. Cultura. Mulher.

RESUMEN

Este trabajo aborda un tema muy sensible y muy necesario, pero que sigue siendo, a pesar de tantos derechos adquiridos, silenciados y desatendidos, en diferentes contextos sociales, además de ser considerado un tabú por muchos: el retrato femenino frente a la imposición patriarcal. El objetivo de esta investigación es verificar el discurso, desde el punto de vista de la semántica cultural, presentado en tres textos de pliegos de cordel producidos en las décadas del 40, 70 y 80 que retratan una imagen negativa de la mujer. Es necesario comprender la relación entre literatura, cultura e ideología de pliegos de cordel; identificar la relación entre la literatura de pliegos de cordel y la exclusión social femenina y; reflexionar sobre los discursos prejuiciosos en la literatura de cordel. En ese sentido, este estudio se caracteriza por ser cualitativo, bibliográfico, descriptivo, además de histórico. Como aporte teórico nos basamos en Ferrarezi Jr. (2008; 2013; 2019), Fiorin (2000; 2010), Rodrigues e Silva (2018), Volóchinov (2018), Pêcheux (1997) entre otros. Los resultados obtenidos mostraron que los textos de pliegos de cordel presentan fuertes evidencias que colocan los autores en una situación desfavorable a cualquier avance a los derechos de las mujeres con la presencia de marcas ideológicas que traspasan al nivel religioso como resultado de una posible cultura local.

Palabras clave: Literatura de pliegos de cordel. Semántica. Discurso. Cultura. Mujer.

LISTA DE FIGURAS

Figure 1 – Capa do folheto “História da mulher que passou a navalha no marido”	18
Figure 2 – Capa do folheto “A mulher que foi surrada pelo diabo”	22
Figure 3 – Capa do folheto de cordel “A briga do trocador com a nêga do Pirambu”	28

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	8
2	A SEMÂNTICA E O DISCURSO: PERCURSOS HISTÓRICOS	10
2.1	A SEMÂNTICA	10
2.2	A SEMÂNTICA CULTURAL.....	12
2.3	O DISCURSO E O SUJEITO: UM DIÁLOGO COM A AD FRANCESA	13
3	O CORDEL E A REPRESENTAÇÃO DA MULHER	15
3.1	“História da mulher que passou a navalha no marido”	18
3.3	“A mulher que foi surrada pelo diabo”.....	22
3.3	“A briga do trocador com a nêga do Pirambu”	27
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
5	REFERÊNCIAS	33

1 INTRODUÇÃO

A luta e o engajamento feminino são resultados de um processo de construção social que, ao longo dos anos, apenas evidenciou o sexo masculino como centro de uma estrutura. Essa desigualdade entre gêneros foi, e ainda é, fruto de uma sociedade que tem como premissas o patriarcalismo e o conservadorismo. O Patriarcalismo tem como estrutura/domínio a centralização da figura paterna, neste caso, o homem, já o conservadorismo é um pensamento que defende a manutenção das instituições sociais voltadas para o tradicionalismo, envolvendo família, religião, política e costumes. Juntas, as duas opiniões, tendem a excluir toda e qualquer modificação que fuja desses costumes e que resulta na exclusão de vozes femininas.

Esses modelos de organizações sociais contribuíram na construção de uma imagem que coloca a mulher em segundo plano. De modo especial no Nordeste do nosso país, região que centraliza, na figura masculina, o trabalho pesado e o sustento da família, cabendo a mulher, em sua figura feminina, a criação dos filhos, organização do lar e, sobretudo, exemplo de “bons costumes”. Este modelo tende a excluir mulheres que fujam desse padrão. Por isso a construção da imagem negativa feminina no Nordeste foi e ainda é perceptível no contexto histórico e na cultura de nossa região, desse modo, a literatura, destaque na cordelista, apresenta também esses traços.

A nossa literatura cordelista, muito conhecida apenas como cordel, é fruto da herança europeia e, de uma possível miscigenação brasileira. O termo “cordel” advém da utilização de barbantes e cordas aproveitados para expor as obras durante as feiras livres, mas vai mais além disso. O cordel é muito presente em todo o nosso Brasil, porém é, principalmente no interior nordestino, onde há maior destaque. Cordel é uma manifestação literária popular escrita em forma de versos metrificados e rimas, retratam a cultura popular e tem como características importantes a linguagem informal e as marcas de oralidade. Bastante utilizado para relatar acontecimentos históricos e populares, conhecidos muitas das vezes como “causos” e ensinamentos, demonstrados através de parábolas ou “lições de morais” utilizando religião, família e a figura feminina, como exemplos (BRASIL, 2018).

Esses retratos da cultura popular nos cordéis resultam, também, em uma possível ideologia local (Rodrigues; Silva, 2018), e isso pode ser repassado através dos textos. Neste sentido, nosso objetivo é verificar o discurso apresentado em três textos cordelistas, produzidos nas décadas de 40, 70 e 80 que figuram uma imagem negativa à mulher.

Esta pesquisa se caracteriza como qualitativa, bibliográfica, descritiva, bem como histórica. Portanto, para a investigação proposta e com base num referencial teórico escolhido, no início e durante todo processo, realizamos uma pesquisa bibliográfica, na busca de autores e teorias que pudessem contribuir com o estudo. Podemos citar Ferrarezi Jr. (2008; 2013; 2019), Fiorin (2000; 2010), Rodrigues e Silva (2018), Volóchinov (2018), Pêcheux (1997) dentre outros.

A identificação, registro e análise dos dados coletados, bem como a seleção do *corpus* que ocorreu em sites especializados¹ que trazem obras de cordelistas da nossa literatura são pontos relevantes para esta pesquisa. Com base em Bardin (1977) a pesquisa qualitativa apresenta evidências que devem ser levadas em consideração, dado o contexto, condições e circunstâncias em que foram produzidas.

Nessa perspectiva, com base na metodologia e no referencial teórico utilizado, esta pesquisa traz como objetivos específicos, do ponto de vista semântico cultural, compreender a relação entre a literatura cordelista, cultura e ideologia; identificar a relação entre literatura cordelista e a exclusão social feminina e; refletir sobre os discursos preconceituosos na literatura de cordel.

Estas justificativas, somadas ao fato dos folhetos – principal veículo utilizado para divulgação do cordel – serem extremamente ricos e diversos, embora algumas vezes desprestigiados tanto na Academia e na educação básica, nos motiva a pesquisá-lo e propagá-lo como um forte instrumento auxiliador para o trabalho de língua portuguesa e para uma formação reflexiva de sujeitos. Evidências estas comprovadas nos resultados desta pesquisa.

Este trabalho se constrói a partir desta introdução, capítulos, considerações finais e referências. O segundo capítulo tem foco nos estudos semânticos e na relação entre cultura, discurso e sujeitos. No terceiro, tratamos da literatura de cordel e da análise do *corpus* que faz relação entre o cordel e a figura da mulher. Encerrando com as considerações finais e as referências bibliográficas.

¹ Portal da Fundação Casa de Rui Barbosa e o Portal do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular.

2 A SEMÂNTICA E O DISCURSO: PERCURSOS HISTÓRICOS

2.1 A SEMÂNTICA

O estudo do significado das palavras, ou em um termo mais específico, o estudo do significado linguístico – Semântica – é uma das divisões da linguística que cada vez mais ganha adeptos, repercutindo em um número maior de possibilidades de pesquisas, diversidade teóricas e ampliação no campo de atuação dessa ciência que, ao longo dos anos, origina uma série de discussões entre estudiosos. Embora, esse estudo do significado não seja algo novo para as comunidades que já utilizam a língua.

Cabe esclarecer que, a Semântica surge na tentativa de explicar que não é apenas o significado das palavras que está em jogo, as sentenças também são objeto de estudo dessa área da Linguística que, segundo Cançado (2012, p. 18) “(...) interage com o estudo de outros processos cognitivos, além dos processos esteticamente linguísticos”. Esses chamados “fatores extralinguísticos” fazem relação direta com a língua/linguagem e envolvem a visão de mundo utilizada para entendermos o significado de cada sentença, o que torna os estudos semânticos semelhantes a outras áreas da linguística. É seguindo este caminho que a semântica pode ser associada a outras áreas da linguística que tem um olhar mais voltado para a linguagem, uma delas é a Pragmática.

É a partir das concepções estabelecidas no Curso de Linguística Geral – CLG, por Ferdinand Saussure, que essas relações começam a ganhar notoriedade e modificarem a maneira como, até então, eram realizadas as pesquisas linguísticas. De acordo com Celso Ferrarezi Jr. (2019, p. 16), essa visão trouxe evidências, sobretudo, as línguas naturais:

No Curso, ficava claro que a linguística deveria se importar com todas as formas de linguagem humana, mas principalmente, com a forma falada das línguas naturais. Havia uma grande preocupação com a “forma natural” utilizada pelas pessoas para se comunicar.

Uma das grandes observações deixadas por Saussure dizem respeito a existência de línguas naturais e da linguagem, por exemplo. Mesmo conhecendo essas duas dicotomias, o teórico evidenciou apenas a parte estrutural das línguas, excluindo a parte social, cultural, ideológica e histórica, deixando para futuros cientistas o olhar social. Além, é claro, de sua consideração a respeito da linguagem: “heteróclita e multifacetada”:

O estudo da linguagem comporta, portanto, duas partes: uma, essencial, tem por objeto a língua, que é social em sua essência e independente do indivíduo; esse estudo é unicamente psíquico; outra, secundária, tem por objeto a parte individual da linguagem, vale dizer, a fala, inclusive a fonação e é psico-física. (SAUSSURE, 2012, p. 27).

O recorte Saussuriano, para Juchem (2008), privilegiou o olhar para língua, enquanto sincrônica e, como produto social da linguagem. Para o linguista é função da linguística olhar a língua como seu único objeto e instrumento da comunicação humana. Assim, a língua para Saussure é um agrupamento de sinais “(...) resultante da coletividade, não mais individual” (Juchem, 2008, p.13).

Porém, como dissemos, couberam a outros linguistas o olhar sociointeracionista, como enxergou Valentin Volóchinov, ao afirmar que a palavra “(...) a interação discursiva é a realidade fundamental da língua” (2018, p. 219). Para o pesquisador a linguagem é “(...) o acontecimento social da interação discursiva que ocorre por meio de um ou de vários enunciados” (Volóchinov, 2018, p. 218-219), aspectos estes desprezados nas análises de Saussure.

É evidente que, essa divisão entre o formalismo e o funcionalismo, além de gerar discussões acadêmicas, repercute em outras áreas da linguística como a Semântica, que a depender da vertente, ora tem a língua, ora tem a linguagem como objeto de estudo.

Um desses casos diz respeito quando tratamos da Semântica Formal, por exemplo. A relação entre sentenças e noções de mundo vem à tona, para interpretar determinada frase é necessário fazer uma relação extralinguística. De acordo com Basso (2013, p. 136) “A Semântica Formal tem por objetivo fornecer as condições de verdade das sentenças de uma dada língua, que é considerado o mínimo que sabemos quando interpretamos uma dada sentença” E ele vai além “(...) não é o papel da Semântica dizer se uma dada sentença é de fato verdadeira ou falsa (...) à Semântica cabe fornecer as condições nas quais uma dada sentença é verdadeira” (Basso, 2013, p. 136).

Mas como saberemos se dada sentença fornece condições possíveis para interpretações? É através da metalinguagem que a semântica formal, assim como outras áreas científicas que utilizam essa ferramenta, criam condições e base para “elucidar” tais problemas. Müller e Viotti (2010, p. 139), afirmam:

(...) se apoia no fato de que, se não conhecemos as condições nas quais uma sentença é verdadeira, não conhecemos seu significado. Ela afirma que o significado de uma sentença é o tipo de situação que ela descreve e que a descrição dessas situações possíveis é equivalente às condições de verdade da sentença.

Outra área da Semântica, que trata de maneira específica do significado das palavras das línguas é denominada de Semântica lexical.

Entende-se por léxico todas as palavras que estão dispostas numa língua e podem ser utilizadas por seus usuários para gerar algum efeito comunicativo. É neste caminho que “A Semântica Lexical Estuda o significado das palavras e sua relação com outros níveis linguísticos – outras palavras e sentenças” (Wachowicz, 2013, p. 153).

Para Fiorin (2000, p. 227), “O léxico de uma língua é um conglomerado de formas provindas de fontes diversas e não se pode evitar o empréstimo linguístico, um dos meios de renovação lexical”. Portanto, determina-se que a relação entre léxico e signos linguísticos utilizados pelos usuários de uma língua também é reflexo de uma identidade cultural e social de uma determinada população.

2.2 A SEMÂNTICA CULTURAL

A relação entre língua(gem) e cultura já é estabelecida entre estudos antigos. Citamos como exemplo a filosofia e a linguagem que tem como investigação a influência de uma sobre outra, ou vice-versa, em determinados contextos. Segundo Celso Ferrarezi Jr., “(...) foram pesquisadores ocidentais como Franz Boas e Benjamim L. Whorf, embora não fossem “linguistas” de formação, já mostravam a importância dessa relação entre língua e cultura em suas obras” (2013, p.71). Esses estudos trouxeram para a linguística novas informações e possibilidades de pesquisa acerca de uma temática necessária e importante. Sobretudo quando estudamos uma área que tem o olhar voltado para uma região com forte expressão popular – em particular a região nordeste brasileira. Neste mesmo raciocínio que Benjamim L. Whorf, nos esclarece que a língua é uma manifestação cultural de sua população e é, através dela, que identificamos uma sociedade.

Nós dissecamos a natureza ao longo de linhas estabelecidas pelas nossas línguas nativas. As categorias e tipos que isolamos do mundo dos fenômenos nós não encontramos lá porque eles olham cada observador no rosto; ao contrário, o mundo é apresentado em um fluxo caleidoscópico de impressões que tem que ser organizado pelas nossas mentes – e isso significa, em grande medida, pelos sistemas linguísticos em nossas mentes. (1940, p. 213, apud GONÇALVES, 2008, p. 110).

A partir dessas concepções entendemos que a língua, em sua naturalidade, exerce um papel importante em estudos semânticos culturais, pois é, a partir dela que encontraremos o objeto de estudo. Ferrarezi Jr., (2008, p. 22) reforça esses argumentos ao afirmar que “(...) os

sentidos são sempre construídos em função do conjunto de informações culturais do falante e de sua comunidade, a semântica, necessariamente, será um estudo que se relaciona com os fatos culturais representados pela língua natural”.

Com base nessas declarações, entendemos que a Semântica Cultural é “(...) uma vertente da Semântica que estuda a relação entre os sentidos atribuídos às palavras ou demais expressões de uma língua e a cultura em que essa mesma língua está inserida” (Ferrarezi Jr., 2013, p.71). A Semântica Cultural é uma linha da Semântica que cria elo entre a língua, comunidade e cultura.

2.3 O DISCURSO E O SUJEITO: UM DIÁLOGO COM A AD FRANCESA

Os estudos sobre discurso, ou melhor, os estudos discursivos têm sua concepção na linguística a partir de Ferdinand Saussure, definindo a língua como a parte social e a fala como individualizada do sujeito, Narzetti (2012). No entanto, Michel Pêcheux, baseado na definição Saussuriana, indica a existência de um nível intermediário nesse argumento, chamado discurso, ao afirmar que

Parece indispensável colocar em questão a identidade estabelecida por Saussure entre o universal e o extra-individual, mostrando a possibilidade de definir um nível intermediário entre a singularidade individual e a universalidade, a saber, o nível da particularidade que define “contratos” linguísticos específicos de tal ou tal região do sistema, isto é, feixes de normas mais ou menos localmente definidos, e desigualmente aptos a disseminar-se uns sobre os outros. (PÊCHEUX, 1997, p. 73-74).

Vejam os que nessa argumentação, Pêcheux, além de concordar com Saussure, sugere a língua como universal e exterior em relação à fala, Narzetti (2008), o que torna os estudos discursivos próximos da semântica.

Sendo mesmo, a língua natural o foco principal dos estudos semânticos e é, através dela e por meio da língua(gem) que nos expressamos e o que nos identifica enquanto sujeitos. Muitas das vezes essas características são atreladas também à cultura porque exercem papéis que marcam a formação dos sujeitos, o que por vez define os padrões sociais que colocam a mulher em segundo plano e estabelece a figura feminina moldes ao seu comportamento social (BRASIL, 2018). Seguindo este caminho, Ferrarezi Jr. nos explica que “(...) uma língua precisa ser entendida como um sistema aberto, que se alimenta e se retroalimenta da própria relação do homem com esses mesmos mundos” (2013, p. 74).

Considerando também os argumentos do próprio Pêcheux, ao contribuir sobre a reprodução dos discursos pelos sujeitos, entendemos o papel ideológico dos discursos diante do efeito comunicativo, ao alegar que o discurso não é apenas uma tentativa, mas “uma máquina autodeterminada (...), de tal modo que um sujeito-estrutura determina os sujeitos como produtores de seus discursos: os sujeitos acreditam que utilizam seus discursos quando na verdade são seus servos assujeitados, seus suportes” (Pêcheux, 1997, p. 311).

Falar em reprodução de discursos é, sem dúvidas, nos remete à memória discursiva, outra vertente difundida por Pêcheux que nos esclarece sobre reprodução de discursos, tratada como interdiscurso. No mesmo raciocínio Orlandi (1999, p.31), “O saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra”

A memória discursiva dos sujeitos também é refletida no argumento de Orlandi em razão do discurso fazer parte da formação discursiva dos sujeitos, porque o interdiscurso compromete a maneira como sujeito se constitui em sua situação discursiva, Orlandi (1999).

Entendemos que essa formação discursiva é base constituinte da formação do sujeito e de seu contexto. Nesse quesito, Florêncio *et al.* (2009, p.45), esclarece que, “(...) o sujeito é sempre sujeito de seu tempo e de sua sociabilidade. Esse sujeito será construído através das práticas sociais e da ideologia que darão as bases do complexo psíquico de indivíduo. ”

Com base nestas argumentações entendemos que, a reprodução e concepção discursiva dos sujeitos e pelos sujeitos perpassa e podem ir além dos planos culturais e ideológicos, contribuindo e constituindo uma atividade natural da humanidade.

3 O CORDEL E A REPRESENTAÇÃO DA MULHER

Esta sessão tem por objetivo analisar, com base nas teorias elencadas, a relação estabelecida entre os discursos apresentados nos folhetos, com o que identificamos constituir-se de argumentos de ordens culturais e ideológicas. Evidenciando em certo sentido, uma possível exclusão social feminina e, por conseguinte, na propagação de discursos preconceituosos.

Marcante em diversidade, resistência, miscigenação e na resiliência, palavra que vem ganhando destaque no conhecimento popular, por caracterizar a capacidade de adaptar-se diante das adversidades. Assim é o Nordeste brasileiro, fonte e berço de inspiração para diversos artistas que vislumbram e vivenciam nesta região aspectos histórico-culturais que vão desde a chegada portuguesa em terras brasileiras. Este último, em destaque, caracteriza-se como um aspecto importante por influenciar a criação da nossa literatura cordelista.

Segundo o Dossiê de Registro, elaborado no ano de 2018, em conjunto por diversos cordelistas com o intuito de registrar a Literatura de Cordel como Patrimônio Cultural Brasileiro, a literatura cordelista é definida como “(...) um gênero poético que resultou da conexão entre as tradições orais e escritas presentes na formação social brasileira e carrega vínculos com as culturas africana, indígena, europeia e árabe” (Brasil, 2018, p. 16). Narram acontecimentos populares, políticos, religiosos e muitas das vezes, o sofrimento do povo de maneira simples, mas que misturam humor, ironia e sarcasmo, atrelados à informalidade, principalmente na linguagem, mas com grande expressividade, “(...) trazendo uma espécie de marca da região e ao mesmo tempo articulado com o regional e o nacional” (Silva; Medeiros, 2021, p. 255) como afirmam também Rodrigues e Silva (2018, p. 51):

Além da materialidade textual e de sua função social linguístico-literária, encontramos na literatura de cordel a identidade de um povo que através da linguagem, credences, humor, e da cultura em geral, demonstra os progressos e regressos que personalizam uma sociedade. Vê-se, assim, que o cordel manifesta a identidade sócio-histórico-cultural da região Nordeste do Brasil, constituindo-se e expressando-se por ideologias que atravessam o plano cultural daqueles que vivem e sabem, por experiência própria, o que é ser nordestino.

Além de ser um instrumento que era considerado informativo, quando notícias só eram divulgadas em uma época em que os meios de comunicação se limitavam apenas ao rádio ou jornal impresso, o cordel também era e ainda é utilizado como diversão, por retratar histórias vividas por pessoas ou contadas por outras, que podem ser tanto reais como imaginárias, ou com partes reais e partes transformadas por quem conta, histórias essas conhecidas

popularmente como “causos”. Desse modo, o cordel é fonte de reflexão e também pode ser forte influência cultural, por reproduzir memórias e expressar valores, ideias, opiniões e cultura (Silva *et al.*, 2010).

Sobre a presença de mulheres na literatura de cordel e a suas possíveis influências culturais, o Dossiê de Registro afirma que

Desde os primeiros poemas em verso produzidos no Brasil, as mulheres estiveram presentes. No entanto, cabe assinalar que os poemas que chegaram até nós reproduzem a moral e os valores vigentes em seu tempo. As imagens e discursos que foram difundidos através da literatura de cordel permitem acompanhar as representações sociais sobre a mulher, o feminino e as relações de gênero e, portanto, não estão desvencilhadas das visões socialmente hegemônicas. (BRASIL, 2018, p. 161)

Nesse sentido os próprios cordelistas (2018, p.161) reforçam estes argumentos:

Em grande parte da produção da literatura de folhetos no Brasil prevalecem os estereótipos, os preconceitos e se sobressai uma visão ambígua: em certos textos, as mulheres são associadas a santas, virgens, marcadas pela pureza, recato e submissão aos homens; em outros, são apresentadas como lascívia, falsas, demoníacas, adúlteras e traidoras.

Vale esclarecer que não há fronteiras para a literatura de cordel diante de suas relações discursivas, sociais e culturais, conforme asseveram (Silva *et al.*, 2010, p. 308) “Como esse tipo de literatura carrega a herança cultural de diversos grupos e sociedades, podemos considerá-la como prática sócio-discursiva”. Logo, “Os poemas revelam, sobremaneira, os estereótipos e preconceitos vigentes na sociedade patriarcal que se constituiu a partir da colonização portuguesa, cujos valores morais se reproduziram desde então” (Brasil, 2018, p.161).

Assim, a mulher, contrariando esses conceitos torna-se, histórica e simbolicamente, uma figura que representa força, bravura e resistência. Quando esses traços são associados ao nordeste, a mulher nordestina ganha ainda mais força, por caracterizar uma mulher que, na maioria das vezes, trabalha também fora de casa, ajudando o sustento da casa com o seu cônjuge ou, em outros casos, é a única responsável pelo sustento do lar. Contudo, ainda é muito evidente que, mesmo sendo a representação de uma mulher de “fibra”, para “muitos” ela ainda continua sendo mulher e, portanto, inferior, cabendo a elas tarefas específicas e isso ainda é muito ligado a submissão:

(...) desde o período colonial a exigência de submissão, recato e docilidade foi imposta às mulheres. Essas exigências levavam à formação de um estereótipo que

relegava o sexo feminino ao âmbito do lar, onde sua tarefa seria a de cuidar da casa, dos filhos e do marido, e, sendo sempre totalmente submissa a ele. (FOLLADOR, 2009, p. 8).

Com base nesta afirmação, a pesquisadora nos esclarece que as existências desses estereótipos são oriundos e duram a mais de dois séculos, permanecendo vivos e enraizados na sociedade. Gilberto Freyre reforça que estes exemplos fazem parte da formação social ao alegar que

Resultado da ação persistente desse sadismo, de conquistador sobre conquistado, de senhor sobre escravo, parece-nos o fato ligado naturalmente à circunstância econômica da nossa formação patriarcal, da mulher tantas vezes no Brasil vítima inerme do domínio ou do abuso do homem. (FREYRE 2003, p. 114).

Partimos do pressuposto que “O contexto histórico comprova que o sistema patriarcal colocou a mulher na posição inferior em relação masculino reforçando a identidade feminina como “sexo frágil”” (Silva; Medeiros, 2021, p. 255). Consequentemente,

(...) as condições de produção em que os discursos são atualizados, levando em conta o conjunto de elementos linguísticos e socioculturais que fundamentam a formação discursiva e identitária do sujeito do cordel, sua performance e o contexto em que atua. Encontramos nos folhetos de cordel produzidos no Nordeste do Brasil uma ideologia fortemente produtora de sentidos, geradora de identidades, o que é demonstrado pela característica própria de ver o mundo, de interagir com ele. (RODRIGUES; SILVA, 2018, p. 52-53).

Na língua, a constância também é encontrada, porque são através dos discursos que há manifestação da “(...) síntese dialética viva entre o psíquico e o ideológico, entre o interior e o exterior, se realiza sempre reiteradamente na palavra, em cada enunciado, por mais insignificante que seja” (Volóchinov, 2018, p. 140). Esses fatores, somados à cultura popular, costumes e crenças põem o cordel em evidência, por ser um “(...) instrumento propagador de memórias e representações culturais, principalmente quando o cenário representado é o contexto nordestino” (Rodrigues; Silva, 2018, p. 49) e pelo fato de, em alguns casos:

(...) problematizar a presença das mulheres numa dupla perspectiva: como temática privilegiada pelo conjunto de poemas dos quais emergem diferentes representações sobre as mulheres e do ponto de vista da autoria feminina. (BRASIL, 2018, p. 161).

Considerando estes argumentos e o fato dos cordéis serem uma das manifestações populares que também evidenciam a cultura, as crenças, os costumes e as artes (Rodrigues;

Silva, 2018), como as figuras atribuídas nas capas, selecionamos e analisamos três folhetos que demonstram destacar essas características, em especial o destaque a figura feminina.

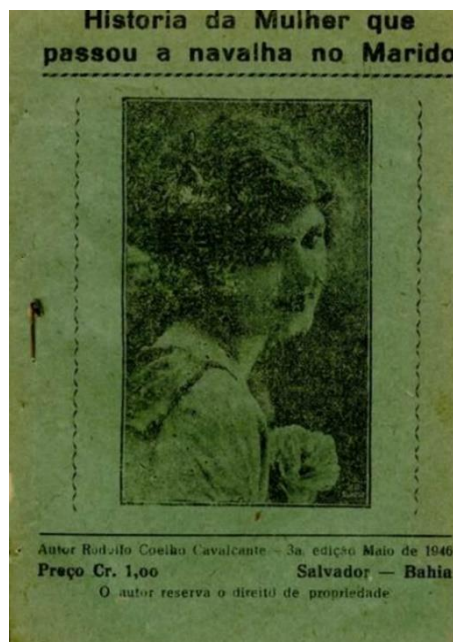
Para esse propósito, separamos trechos que consideramos importantes e significativos para o estudo em questão dos folhetos: “História da mulher que passou a navalha no marido” (1946), “A mulher que foi surrada pelo diabo” (1976), “A briga do trocador com a nêga do Pirambu” (1988).

Esclarecemos que os textos selecionados foram transcritos integralmente e, por esta razão, é comum que alguns desvios, em relação à norma culta da língua, sejam encontrados.

3.1 “História da mulher que passou a navalha no marido”

Os folhetos de cordel representam a imaginação, a manifestação artística do autor, mas também o contexto de vida, memórias e experiências. Através do texto de Rodolfo Coelho Cavalcante, identificamos o tradicionalismo, a religiosidade o humor e a ironia em suas produções.

Figure 1 – Capa do folheto “História da mulher que passou a navalha no marido”



Fonte: Casa de Rui Barbosa

A partir da observação da capa do folheto “História da mulher que passou a navalha no marido”, de 1946, levantamos algumas questões. Uma delas faz referência às palavras, nesse caso dois substantivos, “Mulher” e “Marido” grafadas em letras maiúsculas que inferimos ser um alerta, tanto para destacar o cordel, como para exaltar a relação matrimonial e o respeito

pela religiosidade. Além da fotografia escolhida: de aparência singela e meiga, a mulher que está na capa aparenta seguir os “bons costumes”, carrega uma rosa ou uma flor e adota os “padrões” da época, ao se apresentar em público sempre bem vestida e a esconder sua sexualidade.

Tem havido tanta coisa
 Ultimamente no mundo
 Que o “poeta” não descansa
 Siquier agora um segundo
 Que se precisa escolher
 De tanto caso a se ver
 Cada qual o mais profundo

O ciúme da mulher
 É uma raiz perigosa
 Germina o fruto do mal
 É árvore maliciosa
 No vale da tentação
 É um rio o coração
 De água pecaminosa

O autor elabora uma pequena introdução para o cordel, relacionando sua obra com os últimos acontecimentos mundiais. Deduzimos que, para Cavalcante, há uma perplexidade com as mudanças de padrão social da humanidade e isso, em alguma medida, afeta também as mulheres.

Embora exista uma relação muito forte entre o primeiro e o segundo verso, no qual é possível depreender que Cavalcante esteja preocupado com os ciúmes das mulheres e suas possíveis consequências. O autor utiliza de muitos adjetivos, como perigosa, maliciosa e pecaminosa para estabelecer essa ponte.

Muitos crimes por ciúmes
 No mundo já tem havido
 Pois a mulher ciumenta
 Tem a alma de bandido
 Na mulher è pior falta
 Quando não aleija: mata
 O infeliz do marido!

Na terceira estrofe o autor resolve aprofundar o assunto relacionando os ciúmes das mulheres às práticas criminosas como lesão corporal e homicídio, cabendo ao homem o lugar

de infeliz da situação. Nas palavras do escritor, fica evidente que essas atitudes são uma espécie de vingança, piores que uma traição:

Esta de Brotas, leitores
 No auge do desespero
 Pra vingar-se do marido
 Com seu genio traçoeiro
 Peior que “rasga-mortalha”
 Segurou bem a navalha
 “Degolou” seu companheiro

As palavras conferidas à mulher traída podem atribuir vários sentidos ao texto cordelista, uma delas seria o de alerta ao leitor a uma prática que pode está se tornando corriqueira entre as famílias, nesse caso a de assassinado. Mas também atribui a um significado negativo a mulher, como a única culpada a situação que age por impulso e desmotivada.

Lhe degolar friamente!
 Levava na brincadeira
 Apesar gostar de outra
 Amava sua companheira
 Em casa tudo ele dava
 A ela nada faltava
 Também amava a “solteira”

Depreende-se que há um diálogo sociocultural com o papel machista de uma sociedade que aceitava que o homem tivesse relações extraconjugais, “já que ele tudo dava e não deixava nada faltar”.

Cabe salientar que a palavra “degolar” atribuída na capa do cordel e até a introdução ganha um significado diferente a partir da terceira página do cordel, apenas compreendida a partir do momento que o autor relata que a esposa “deixou ele sem ação”:

Passou a lamina no pobre
 Que a cabeça degolou
 Tudo enfim a miseravel
 Completamente tirou
 Deixou ele sem ação
 Nesta mesma ocasião
 O infeliz se acordou

 Atormentado da dor

Ele gritou nesta hora;
 Vala-me Senhor do Bomfim
 Valei-me Nossa Senhora!
 A mulher tinha corrido
 Deixando o pobre marido
 Bateu aza e foi embora!..

De acordo com o sentido atribuído a palavra podemos definir que a palavra “degolou” adquire aqui um novo significado. No vernáculo esta palavra é utilizada, pela maioria da população brasileira, com o sentido de decapitação – corte no pescoço que resulta na total retirada da cabeça, porém, o autor, a partir de seus conhecimentos linguísticos, utiliza a palavra em outro sentido. Neste caso degolar significa cortar por completo o pênis masculino. Assim entendemos a naturalidade da língua e o sentido atribuído a palavra, tanto para a semântica como no contexto usual e cultural, que são utilizados nesta perspectiva. Segundo Ferrarezi Jr., “(...) uma língua natural é um sistema de representação do mundo e de seus eventos” (2008, p. 23).

A mulher na mesma hora
 Correu que só um viado
 Nisto aparece um visinho
 Ver o pobre mutilado
 Lhe perguntaram, eu não sei!
 Eu só vi quando acordei
 Oh! meu Deus que triste fado!

Oh! que ação tão nefanda
 Oh! que mulher tão cruenta!
 Degolar um pobre homem
 Que na vida representa
 A imagem mais querida
 Dando a vida a propria vida
 Que a propria vida se ostenta

O autor utiliza de dois adjetivos e de um grande investimento linguístico para classificar a ação da mulher como nefanda – abominável e ao chamá-la de “cruenta” – cruel. De fato, concordamos que a atitude da mulher é horrível, mas a exaltação da bondade do marido sobre a mulher, evidencia que o autor valoriza princípios moralistas e patriarcalistas. Para Hoornaert (1977, p. 223), a posição do cordelista é normal a época em que foi escrito o folheto. “No conceito do antigo regime a mulher ocupava uma posição bastante inferior: como esposa era considerada propriedade do marido, e vivia inteiramente submissa a seu domínio”.

Outros versos e estrofes do folheto resultam em passagens em que o autor destaca que a notícia se espalhou pelos quatro cantos do Brasil e encerra ressaltando que a descrição dos fatos foi baseada nos relatos fidedignos que escutou sobre o caso.

3.3 “A mulher que foi surrada pelo diabo”.

Figure 2 – Capa do folheto “A mulher que foi surrada pelo diabo”



Fonte: Casa de Rui Barbosa

Com base na gravura exibida na capa do folheto cordelista “A mulher que foi surrada pelo diabo”, publicado em 1976, é possível deduzir que, o autor foca em aspectos relacionados a uma figura feminina, mas não qualquer figura, desta vez a imagem escolhida quebra os padrões sociais da época e expõe a sua sexualidade, ao exhibir a barriga e ao trajar uma saia curta. Acreditamos que este é um dos motivos que a levou receber uma surra do diabo.

A introdução é marcada pela presença de palavras que fixam a atenção do leitor, como “história” e “abalou”, que dão a ideia de veracidade dos fatos, além de instituições como “Iar” e “Deus”, nos remetendo à família.

Eu vou narrar uma história
 Que Hermes Gomes contou
 Cuja moral do enrêdo
 A muita gente abalou;
 Fica o caso como exemplo.

Que o lar é o maior templo
Que Deus no mundo deixou.

Disse Hermes que vivia
Um casal conceituado
Numa cidade que o nome
Agora não éstou lembrado,
O esposo um lutador,
Cidadão trabalhador
Por todo povo estimado.

Observemos que a segunda estrofe é uma continuação da primeira, porém caracterizada pelo forte respeito ao matrimônio e a valorização da figura masculina, depositando no homem a tarefa de “provedor” do lar e “cidadão de bem”, seguindo os preceitos patriarcais. Neste sentido, Volóchinov (2018, p. 195-196) nos explica que “O sentido da palavra é inteiramente determinado pelo seu contexto. Na verdade, existem tantas significações para uma palavra quantos contextos de seu uso”.

Tinha o casal três filhinhos
Dois meninos e u'a menina,
Nada faltava no lar
Pois ele como carpina
Era ativo interesseiro,
Ganhava muito dinheiro
Na sua própria oficina.

Nada faltava a mulher
Tendo tudo que queria,
Mas por sua vaidade
Tudo desfez-se num dia,
Resolveu ela deixar
O seu mais ditoso lar
Para entregar-se à orgia.

Vejamos que na terceira estrofe o autor, paulatinamente, se aprofunda no contexto familiar dos personagens informando o leitor sobre a quantidade de filhos e a profissão exercida pelo marido. Sem deixar de esclarecer que o marido, mais uma vez, era trabalhador, ganhava muito dinheiro e “não deixava faltar nada”. Nem “dentro de casa” ou “muito menos à mulher”.

Esses argumentos atribuídos pelo cordelista, somados a justificativa da vaidade feminina, culpando-a pelo rompimento com o seio familiar e o “desejo” de entrega a orgia nos

esclarece que o autor transmite a perspectiva dele e da região em que convive. Como veremos também abaixo:

Dizia ela consigo:
 - No meu lar não tenho nada,
 O meu marido è um santo
 Vivo bem como casada,
 Entretanto, a minha vida
 Me deixa a alma oprimida
 Numa casa enclausurada.

Irei percorrer o mundo
 Para minha vida gozar
 Conhecer novas paragens,
 Beber, fumar e dansar,
 Ter a minha liberdade
 Para que a mocidade
 Possa melhor desfrutar.

O artista utiliza-se de atributos e um jogo linguístico-semântico. Nota-se que a maioria dos relatos é da própria mulher. Mais uma vez apresenta uma mulher que: é insatisfeita com o próprio lar; com a vida que leva; que tem desprezo, além da falta de apego com os seus, ao relatar que a mesma não tinha remorso, levando o leitor ao entendimento da culpa da mulher:

Já chega de lavar roupa,
 Varrer casa e cosinhar
 Quero sair pelo mundo
 Somente para gozar...
 Sou moça, tenho saude,
 Não perco minha juventude
 Escravizada num lar.

E assim ela pensando,
 Sua bagagem arrumou.
 Fez um bilhete ao marido
 E numa manhã viajou,
 Deixando os filhos dormindo,
 Sem o remorso sentindo
 Do esposo que deixou.

É possível compreender que a ideologia é muito presente no texto analisado. O autor não mede palavras para apresentar sua visão e estabelecer nele as relações em que acredita. Expõe uma mulher que deve viver apenas para casa e para o marido e romper com esses

paradigmas é jogar-se a orgia. A escolha da palavra orgia, por exemplo não é por acaso. Ao seu significado, atribuído o sentido de: estado de desgoverno, desorientação; anarquia, bagunça, confusão, tumulto, além do mais usual: relação sexual entre várias pessoas ao mesmo tempo.

A mulher aventureira
 Quando da casa saiu
 Na primeira encruzilhada
 Um arrepio sentiu...
 Quando ela olhou para trás
 Foi avistando um rapaz
 Que lhe saudou e sorriu.

Esse moço era o Diabo
 Que respondeu para ela:
 - Sá Dona tenha juízo,
 Cuidado, muita cautela,
 Que o mundo è duvidoso,
 Falso, vil e mentiroso,
 Cheio de todo procela.

A abordagem do diabo com a “mulher aventureira” é um dos ápices da narrativa. O olhar do autor e o tratamento linguístico escolhido demandam que a culpa caia sempre sobre a mulher e suas vontades. Pois, até o diabo deu “bons” conselhos a ela.

Manchou-se sua epiderme
 Desbotou sua feição
 Os seus lábios côr de rosa
 Ficaram como algodão,
 Os cabelos desgrenhados
 Deixaram ser ondulados
 Perdendo toda expressão.

A partir do momento em que o Cavalcante utiliza versos que retratam como era a beleza da mulher e como ela se tornou, é possível compreender que o autor toca em assuntos que mexem com o ego e com a vaidade feminina.

Nesta compreensão, entendemos que o escritor tentou estabelecer uma relação semântica (RS), conforme afirmam Khoo e Na (2006, apud MAIA *et al.* 2017, p. 2):

(...) um dos fatores que influenciam na determinação das RS é a linguagem. Khoo e Na ressaltam que os aspectos linguísticos são fundamentais para a compreensão de estruturas de conhecimento que envolvem conceitos e suas relações. Para os autores, é difícil analisar o significado dos conceitos e suas

relações à parte da linguagem, pois cada linguagem tem as suas especificidades e está atrelada ao fator cultural.

Outra parte importante dos versos analisados fazem destaque ao percurso narrativo escolhido pelo autor que leva para o desfecho da obra, marcados pela presença de uma nova conversa entre a mulher e o Diabo, mas a mulher que antes era bonita, agora, perdeu sua beleza, sente remorso e está doente, indo em contradição à mulher que conhecemos no início do folheto, além é claro de culpar o Diabo pela situação:

Disse ela: - Ai seu moço
O mundo é mui diferente...
O Diabo me enganou
Pois nada estava ciente!
Pensei gozar minha vida
Hoje estou arrependida
Do que fiz antigamente.

O Satanás nessa hora
Tinha um chicote na mão.
E logo se transformou
Com rabo, chifre, esporão,
E disse: - Mulher danada.
Você que foi a culpada
Da sua situação!

Não se lembra desgraçada
Quando aqui lhe avisei?...
Como diz que o Diabo
Lhe enganou?... eu lhe esperei
Para dar-lhe boa sova
Que ficará como prova
Que eu nunca lhe enganei!

Nisto o Diabo surrou-a
Que ela ficou estirada,
Quando ela levantou-se
Viu que estava retalhada:
Após o pobre marido
Viu o seu corpo estendido
Semi-morta na calçada.

Percebe-se, agora, a figura religiosa utilizada pelo autor, neste caso o Diabo, dá uma pisa na mulher na frente do marido, como um “castigo”, pelo fato da mesma não ter dado ouvidos aos “bons” conselhos.

A partir desta observação depreendemos que escolher o diabo como o “sujeito” que “surra” a mulher, não se trata, possivelmente, de uma opção aleatória por parte do autor, mas de um castigo severo e a representação de um marido traído e abandonado.

Ela abençoando os filhos.
 Deu um suspiro e gemeu
 E nos braços do esposo
 Uma lágrima desceu,
 Foi a hora dolorosa
 Quando a mulher vaidosa
 Entre soluços morreu.
 - FIM -

Acreditamos que, as passagens que envolvem a perspectiva religiosa e o fato do autor ter escolhido a figura do Diabo, definem bem como o Nordeste e sua população são representados. Como afirma (Foucault, 1970, p.46) “seria um pensamento revestido de signos e tornado visível pelas palavras”.

3.3 “A briga do trocador com a nêga do Pirambu”

O folheto cordelista “A briga do trocador com a nêga do Pirambu” é de autoria do cordelista João Rodrigues Amaro, conhecido também como João Amaro ou pelos pseudônimos de Jotamaro ou Mr. Karyakyni.

Publicado em 1988, o folheto narra uma discórdia entre “trocador”, profissão conhecida por realizar a passagem, fazer a cobrança e passar o troco em transportes coletivos e uma passageira, neste caso utilizada como tratamento “a nêga do Pirambu”.

Figure 3 – Capa do folheto de cordel “A briga do trocador com a nêga do Pirambu”

**A BRIGA DO TROCADOR
COM
A NÊGA DO PIRAMBU**



Fonte: <http://acervosdigitais.cnfcp.gov.br/>

A imagem que ilustra a capa, da qual acreditamos ter sido escolhida ou até mesmo ilustrada pelo próprio Jotamaro, apresenta uma mulher negra que, embora bem vestida, tem seu rosto deformado ou ridicularizado enquanto repreende o homem, que apresenta oposição na reação e na imagem.

A primeira estrofe, como é uma prática rotineira na maioria dos textos cordelistas, é caracterizada por uma pequena introdução em que o autor saúda seus leitores, relata que vai contar uma história e agradece a Deus pelo seu dom. Esses marcadores é uma das estratégias utilizadas para dar credibilidade ao folheto e ao cordelista.

Já a segunda estrofe é marcada pela explicação do enredo: uma briga entre os dois personagens. Ambos são tratados pelo autor como arrogantes, ao utilizar a palavra “rompante”, porém um segundo ponto que cabe comparações e nos chama a atenção é a utilização da adjetivação “nêga” para referir-se a mulher, mas, para homem, o autor resolve utilizar o substantivo “rapaz” e o adjetivo “respeitador”. Enquanto ao homem é atribuído um sentido de importância, à mulher é atribuído um significado que a classifica, pejorativamente, pelo tom da sua pele. Além é claro da culpa da situação ter sido iniciado pela mulher.

Trata-se de uma briga
Até mesmo interessante
Dum rapaz e uma nêga
Cada qual o mais rompante

Ele era trocador
 Contudo respeitador
 O que achei importante.

Foi por causa de um troco
 Que a briga começou
 A nêga não satisfeita.
 Abriu a boca a gritou:
 “Me dê meu troco ladrão
 Essa não aguento não
 O meu dinheiro não dou”

O cordel segue enfocando e destacando as palavras de ofensa da mulher dirigidas ao homem e destaca o momento em que o mesmo reage aos acometimentos sofridos. Porém, um dos destaques dizem respeito a ameaça de agressão que poderá sofrer a mulher.

“Eu quero logo o meu troco
 Cabra cretino e ladrão
 Trabalhei para ganhar
 E assim comprar meu pão
 Mesmo sujeito safado
 quem tem filho barbado
 É só gato e camarão”

O rapaz então danou-se
 Quase estoura a veia aorta
 E gritou pru motorista:
 “Meu amigo feche a porta
 Depois de muito aturar
 Eu agora vou quebrar
 A cara desta marmota”

O ponto auge do folheto de cordel analisado é quando as palavras de ofensa ganham evidências preconceituosas que vão das raciais até as religiosas com a mulher, sobretudo com as mulheres negras e as religiões de matrizes africanas. Sobre isso, Ferrarezi Jr. (2013, p.79) nos esclarece sobre o “sentido maior”, que nada mais é a soma do contexto em um cenário “(...) esse sentido maior, amplo, “completo”, por assim dizer, só é possível quando a língua aparece em seu uso real, cultural”. É um sentido construído no complexo ambiente da cultura e atribuído à língua em dado momento.

“Nêga eu já te conheço
 Sai que sempre foi vadia

Tu também é macumbeira
Só vive de bruxaria
Sua cara de Papa-Angu
Tu mora no Pirambu
Lá no Buraca-da-Gia”

“Vai logo de uma vez
Bicha feia o fedorenta
Se eu te pagar de jeito
Tu comigo se arrebenta
Nunca bati em mulher
Porém vajo que tu quer
Apanhar no pau-da-venta”

O texto cordelista segue enfatizando a briga entre os dois personagens, porém, agora a mulher para fugir das ameaças e dar ainda mais credibilidade ao texto, ameaça com “pragas” o trocador. Diante deste contexto e da simbologia utilizada pelo autor, identificamos que, a crença religiosa seguida por ele pode ser contrária as religiões de matrizes-afro, religião essa seguida pela personagem. Mais que deturpada a visão do Jotamaro evidencia preconceitos e estereótipos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho discutiu sobre um tema muito sensível e bastante necessário, mas que ainda é, apesar de tantos direitos adquiridos pela mulher, silenciado e negligenciado, em diversos contextos sociais, além de ser considerado por muitos um tabu: o retrato feminino perante a imposição patriarcal.

Neste caminho e, a partir das análises realizadas nos folhetos de cordel selecionados, identificamos que, através dos textos, é forte a presença de conceitos baseados na inferioridade, submissão e ideia de posse do homem em relação à mulher, em especial quando existe um matrimônio. Estas evidências, somadas aos fatos de terem ocorridos grandes avanços na luta de classe das mulheres no Brasil e no mundo, coincidindo com os mesmos anos em que ocorreram as publicações dos folhetos, podem ter contribuído nas construções desses discursos.

Destacamos aqui o ano de 1946, mesmo ano em que é publicado o folheto “História da mulher que passou a navalha no marido”. A partir da constituição brasileira da época² foi assegurada o direito às mulheres de votarem e serem votadas, conquista essa iniciada desde 1932 e à assistência maternidade.

Já em 1975, um ano antes do cordel “A mulher que foi surrada pelo diabo”, marcou por ser considerado o Ano Internacional da Mulher, com a realização, na cidade do México, da I Conferência Mundial da Mulher com o lema “Igualdade, Desenvolvimento e Paz”.

Em 1988, a constituição brasileira, vigente até hoje, garantiu às mulheres o direito a licença-maternidade de 120 dias, a proteção do mercado de trabalho e a proibição de diferença salarial, de exercício de funções e de critério de admissão. Sem deixar de mencionar que esta mesma constituição assegurou o direito às crenças religiosas e constituiu crime a atos discriminatórios.³ Neste mesmo ano é publicada a obra “A briga do trocador com a nêga do Pirambu”.

²Art. 141 - A Constituição assegura aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade dos direitos concernentes à vida, à liberdade, a segurança individual e à propriedade, nos termos seguintes: § 1º Todos são iguais perante a lei. § 2º Ninguém pode ser obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude de lei; Art. 164 - É obrigatória, em todo o território nacional, a assistência à maternidade, à infância e à adolescência. A lei instituirá o amparo de famílias de prole numerosa.

³Art.1º. IV - promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.

Art. 5º. VI - é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias.

Cabe esclarecer aqui que esta pesquisa não teve como intencionalidade criticar, rebaixar ou desfavorecer a classe cordelista ou os textos analisados, e sim compreender os discursos, do ponto de vista da semântica cultural, e suas possíveis contribuições para a continuidade da desigualdade feminina.

Considerando os aspectos semânticos-linguísticos dos quais abordamos, identifica-se que na leitura, interpretação e, principalmente, análise dos textos cordelistas, é forte a relação entre a língua(gem) e cultura, pois, sem este olhar, os sentidos dos textos e suas possíveis intencionalidades não garantiriam a compreensão, nem ao leitor e nem ao pesquisador.

É também evidente que na concepção discursiva, outra tendência linguística que analisamos, as marcas ideológicas se apresentam constantes, caracterizando a formação e pensamento dos sujeitos em um dado contexto, sejam elas social, cultural ou ideológica.

Esperamos que os apontamentos que identificamos aqui possam favorecer o trabalho docente ao abordar: a oralidade – forte marca do texto cordelista. A oralidade pode ser utilizada para dar ênfase ao texto por meio da leitura performática; o trabalho em sala de aula com a variação linguística é uma outra oportunidade de aproximar os alunos a um contexto que, muitas vezes, é desconhecido e apresentado como “errado”; gêneros textuais que unem a linguagem popular e a informalidade são, também, desconhecidos pela maioria dos alunos e isso é possível através da literatura cordelista; e, ao trabalhar o discurso e a reflexão, além aproximar o aluno a com os conhecimentos culturais e ideológicos, também insere a construção de debates e exclusão de minorias.

Com base nessa argumentação, constatamos que, embora os textos cordelistas apresentem fortes evidências que colocam os autores em uma situação de desfavor a qualquer progressão aos direitos femininos, com a presença de marcas ideológicas que perpassam para o plano religioso, os textos são, além de tudo, fruto de uma literatura popular muito rica e respeitada, tanto para a população, como para grandes estudiosos e que ainda exerce um papel fundamental na região nordestina: retratar também, através dos textos, a cultura local.

5 REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BASSO, Renato. **Semântica Formal**. In: FERRAREZI JUNIOR, Celso. *Semântica, semânticas: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2013.

BRASIL. [Constituição (1946)]. **Constituição dos Estados Unidos do Brasil (de 18 de setembro de 1946)**. Rio de Janeiro, RJ: Presidência da República, 1946. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao46.htm. Acesso em: 25 ago. 2023.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Presidência da República, 2023. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 24 maio 2023.

BRASIL. Ministério da Cultura. Gabinete do Ministro. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Literatura de cordel: Dossiê de registro**. Brasília, 2018. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie_Descritivo\(1\).pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie_Descritivo(1).pdf). Acesso em 25 de abril de 2023.

CANÇADO, Márcia. 2012. **Manual de Semântica: noções básicas e exercícios**. São Paulo: Editora Contexto.

CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. **História da mulher que passou a navalha no marido**. Sem Salvador-BA, 1946. Disponível em: <http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=cordelfcrb&pagfis=48861>. Acesso em: 03 abr. 2023.

CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. **A mulher que foi surrada pelo diabo**. Salvador-BA, 1976. Disponível em: <http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=cordelfcrb&pagfis=50323>. Acesso em: 03 mar. 2023.

FERRAREZI JUNIOR, Celso. **Semântica para a educação básica**. 1.ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FERRAREZI JUNIOR, Celso. **Semântica, semânticas: uma introdução**. São Paulo: Contexto, 2013.

FERRAREZI JUNIOR, Celso. **Semântica**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2019.

FIORIN, José Luiz. **Política Lingüística no Brasil**. Revista Gragoatá, n° 9, Niterói: EdUFF, pp. 221-231, 2000.

FIORIN, José Luiz. (Org.). **Introdução à Linguística**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

FLORENCIO, A. M. G. et al. **Análise do discurso: fundamentos e prática**. 1. ed. Maceió: Edufal, 2009.

FOLLADOR, Kellen Jacobsen. **A mulher na visão do patriarcado brasileiro: uma herança ocidental**. Fato & Versões, v. 1, n. 2, p. 3-16, 2009. Disponível em: https://www.academia.edu/3784126/A_MULHER_NO_PATRIARCADO_BRASILEIRO?auto=download. Acesso em: 01 maio. 2023.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do discurso**. Aula inaugural no Collège de France pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. 3ª ed. São Paulo: Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. **Resposta a uma questão**. In: FOUCAULT, Michel. Repensar a política. (Col. Ditos e escritos, VI). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. (p. 1-24).

FREYRE, Gilberto. **Casa grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 48 ed. São Paulo: Global, 2003.

GONÇALVES, Rodrigo Tadeu. **Perpétua prisão órfica ou Ênio tinha três corações: O relativismo linguístico e o aspecto criativo da linguagem**. Orientador: Dr. José Borges Neto. 250. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós Graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2008. Disponível em: <http://www.usp.br/verve/coordenadores/rgoncalves/tese-rgoncalves.pdf>. Acesso em: 07 ago. 2023.

HOORNAERT, Eduardo. **História da Igreja no Brasil**. TOMO II,1. Petrópolis: Vozes, 1977.

JOTAMARO. **A briga do trocador com a nêga do Pirambu**. Fortaleza-CE. 1988. Disponível em: http://acervosdigitais.cnfcp.gov.br/Literatura_de_Cordel_C0001_a_C7176&pesq=conto. Acesso em: 06 jun. 2023.

JUCHEM, Aline. **Saussure, Benveniste e o objeto da Linguística**. Cadernos do IL, Porto Alegre, n.º 36, junho de 2008. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/cadernosdoil/article/download/18907/11007/68086>. Acesso em: 02 maio. 2023.

SILVA, Claudeci Ribeiro da; MEDEIROS, Aldinida. **Rimas com o feminino: cordel, representação e cultura**. In: LIMA, S. T. et al. No desfolhar dos folhetos: escritos sobre cordel. Macapá: UNIFAP, 2021. Disponível em: <https://www2.unifap.br/editora/files/2021/02/no-desfolhar-dos-folhetos.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2023.

MAIA, L. S. et al. **Taxonomia dos tipos de relações semânticas para a organização e a representação do conhecimento: uma proposta a partir da literatura**. Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação, n. XVIII ENANCIB, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/104795>. Acesso em: 24 ago. 2023.

MÜLLER, Ana Lúcia de Paula; VIOTTI, Evani de Carvalho. **Semântica formal**. In: FIORIN, José Luiz. (Org.). Introdução à Linguística. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

NARZETTI, Claudiana Nair Pothin. **A formação do projeto teórico de Michel Pêcheux:** de uma teoria geral das ideologias à análise do discurso. Orientadora: Dra. Sílvia Dinucci Fernandes. 191. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara. São Paulo, 2008. Disponível em: https://agendapos.fclar.unesp.br/agenda-pos/linguistica_lingua_portuguesa/1425.pdf. Acesso em: 23 ago. 2023

NARZETTI, Claudiana Nair Pothin. **O percurso das ideias do círculo de bakhtin na análise do discurso francesa.** Orientadora: Dra Renata Maria Facuri Coelho Marchezan. 262. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara. São Paulo, 2012. Disponível em: https://agendapos.fclar.unesp.br/agenda-pos/linguistica_lingua_portuguesa/2571.pdf. Acesso em: 23 ago. 2023

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise do discurso:** princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, Michel. **Análise Automática do Discurso.** In: GADET, F. e T. HAK (orgs.) Por uma análise automática do discurso – uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997. p. 61-161.

PÊCHEUX, Michel. **A Análise do Discurso:** Três Épocas. (Trad. de J. de A. Romualdo). In: GADET, F. & HAK, T. (Orgs.) Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora da Unicamp, 1997. p. 311-318.

RODRIGUES, Linduarte Pereira; SILVA, Rodrigo Nunes da. **A representação do homem do Nordeste no cordel.** Vol. 2 - N. 1 - Mar. 2018. p. 49-75.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral.** Organização Charles Bally e Albert Sechehaye; com a colaboração de Albert Riedlinger. Tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 28ª ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SILVA, S. P. da et. al. **Literatura de cordel:** linguagem, comunicação, cultura, memória e interdisciplinaridade. Raído, Dourados, MS, v. 4, n. 7, p. 303-322, jan./jun. 2010.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem:** problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 2.ed. São Paulo: Editora 34, 2018.

WACHOWICZ, Teresa Cristina. **Semântica Lexical.** In: FERRAREZI JUNIOR, Celso. Semântica, semântica: uma introdução. São Paulo: Contexto, 2013.